

JESSICA GOODMAN



A
Mesa
dos
Jogadores

TRADUÇÃO DE CAROLINA PALHA



ALTA
NOVEL

Rio de Janeiro, 2021



O PRIMEIRO DIA da volta às aulas sempre significa a mesma coisa: uma homenagem a Shaila. Hoje *seria* o primeiro dia do seu último ano. Mas agora, há três anos, aliás, ela está morta. E temos mais um lembrete disso.

— Pronta? — pergunta Nikki, enquanto entramos no estacionamento. Ela joga a sua BMW preta brilhante, presente dos pais pela volta às aulas, no estacionamento e toma um enorme gole do café gelado. — Porque eu, não. — Ela vira o espelho, passa uma camada do batom rosa melancia nos lábios e aperta as bochechas até ficarem vermelhas. — Eles podiam só fazer uma placa em homenagem a ela ou algum tipo de levantamento para a caridade, sei lá. Mas isso é brutal.

Nikki estava em contagem regressiva para o primeiro dia do último ano desde que entramos de férias, em junho. Ela me ligou hoje às 6h07, e quando rolei na cama para atender, ainda sonolenta, ela nem me cumprimentou.

— Se arruma em uma hora ou pega outra carona! — gritou, o som de um secador de cabelo soprando ao fundo.

Ela nem precisou buzinar quando apareceu. Eu sabia que estava na frente da minha casa por causa dos agudos ensurdecedores de

Whitney Houston em “How Will I Know”. Nós duas temos uma queda pela música dos anos 1980. Quando me sentei no banco da frente, Nikki já estava com dois Starbucks Venti e parecia membro honorária do esquadrão do glitter. Seus olhos escuros brilhavam com a sombra cintilante, e ela enrolou as mangas do blazer marinho da Gold Coast Prep até os cotovelos de uma maneira engenhosa, mas que passava um ar descolado. Nikki é uma das únicas pessoas que fazem nossos uniformes horríveis parecerem legais.

Graças a Deus, meus pesadelos pararam na noite passada, e as bolsas constantes sob meus olhos se foram com eles. Não posso reclamar dos minutos extras para aplicar uma camada grossa de rímel e dar um jeito nas minhas sobrancelhas.

Quando Nikki saiu da minha garagem, eu estava até tonta de ansiedade. Nosso momento havia chegado. Finalmente chegamos ao topo.

Mas agora que estamos realmente aqui, estacionadas na Gold Coast Prep pela primeira vez, um arrepio percorre minha espinha. Ainda temos que passar pelo memorial de Shaila, e ele paira sobre nós como uma nuvem, pronto para varrer toda a diversão e fechar o tempo.

Shaila foi a única estudante a morrer enquanto ainda era aluna da Gold Coast Prep, então ninguém sabia como agir ou o que fazer. Mas, de alguma forma, houve um veredito. A escola começaria o ano com uma cerimônia de quinze minutos em homenagem a ela. A tradição duraria até nos formarmos. E, como agradecimento, os Arnolds doariam uma nova ala inglesa em nome de Shaila. Muito estratégico, diretor Weingarten.

Mas ninguém queria se lembrar de Graham Calloway. Ninguém o mencionava.

A homenagem do ano passado não foi tão ruim. Weingarten se levantou e comentou o quanto Shaila amava matemática — ela odiava — e como teria ficado feliz de começar Cálculo AP se ainda estivesse conosco — ela teria detestado. O Sr. e a Sra. Arnold apareceram, como no ano anterior, e se sentaram na primeira fila do auditório, enxugando as bochechas com lenços de algodão, do tipo antiquado, que, de tão gastos, estavam quase translúcidos e provavelmente tinham ranho residual de décadas.

Nós seis sentamos ao lado deles, na frente, bem no meio, nos identificando como os sobreviventes de Shaila. Nosso grupo começou com oito. Mas, depois daquela noite, viramos seis.

Quando Nikki chega ao lugar reservado para a representante de turma, Quentin já nos esperava. “Somos do último ano agora, cara!”, diz ele, e bate uma folha de caderno contra a minha janela, mostrando um rabisco de nós três desenhado às pressas. Nele, Nikki segura seu martelo cerimonial de representante de turma do último ano; eu, um telescópio com o dobro do meu tamanho; e Quentin está coberto de tinta vermelha flamejante, combinando com o seu cabelo. Nosso pequeno trio faz o meu coração se derreter.

Abro a porta do carro e grito ao ver o Quentin de carne e osso, me jogando nele.

— Aaah, você! — digo, enterrando meu rosto em seu peito macio.

— Aaah, Jill — diz ele, com uma risada. — Vem cá, Nikki. — Ela se lança em nosso abraço, e sinto o cheiro úmido da roupa mal lavada de Quentin.

Nikki deixa um beijo pegajoso na minha bochecha. Em segundos, os outros aparecem. Robert, com seu cabelo penteado para trás, dá a última baforada em um Juul sabor menta e o enfia no bolso de sua jaqueta de couro. Ele *deveria* receber uma suspensão por usá-la no lugar

do blazer da escola, mas isso não acontece. — Não acredito que temos que fazer isso de novo — diz ele.

— O quê? Escola ou Shaila? — Henry chega por trás de mim me pegando pela cintura e morde minha orelha. Ele tem um cheiro forte de homem, uma coisa meio grama recém-cortada misturada com perfume francês caro. Fico corada, lembrando que esta será a primeira vez que seremos vistos na escola como um casal, e me aproximo dele, me aninhando em um abraço de lado.

— Ah, o que você acha?! — Robert revira os olhos.

— Cala a boca, seus idiotas — diz Marla, chicoteando sua trança loira platinada sobre seu ombro musculoso. Seu rosto está bronzeado dos dias do treinamento de verão no melhor campo de hóquei da Nova Inglaterra. Ela está com o taco de hóquei pendurado nas costas, preso em uma bolsa de lona colorida, a parte de cima da alça colada no corpo aparecendo. A alegoria perfeita do time do colégio. Fica bem nela.

— Tanto faz — murmura Robert. — Vamos acabar logo com isso. — Ele caminha à frente, nos levando para o pátio gramado, bem cuidado e intocado após um verão sem alunos. Se você ficar no ponto certo, abaixo da torre do relógio e dois degraus à direita, consegue vislumbrar uma faixa do estreito de Long Island, a apenas 1km abaixo na estrada, e os veleiros altos em uma dança lenta um ao lado do outro. A maresia faz meu cabelo se enrolar. A chapinha não compete com o clima daqui.

Fico para trás e observo meus amigos caminhando na minha frente. Suas silhuetas perfeitas contra o sol. Por um momento, não existe nada além dos Jogadores. Somos um campo de força. E só nós sabemos tudo o que passamos para chegar até aqui.

Os alunos das turmas anteriores — Nikki os chama de *sub*, para encurtar — trotam pelas passarelas pavimentadas, mas ninguém

chega perto do nosso minibatalhão. Eles mantêm distância, puxando as blusinhas brancas engomadas, afivelando os cintos e enrolando as saias xadrez plissadas. Ninguém se atreve a nos olhar nos olhos. Eles já sabem as regras.

Estou suando quando chegamos ao auditório e, quando Henry abre a porta para mim, fico apavorada. A maioria dos assentos forrados de veludo já está ocupada, e grandes olhos esbugalhados se viram para nos ver andando pelo corredor até nossos lugares, na primeira fila, ao lado do Sr. e da Sra. Arnold. Ambos estão vestidos de preto. Quando nos aproximamos, eles se levantam e mandam beijos, de lábios franzidos, para cada um de nós. Os sons de batidas ecoam pela sala cavernosa, e os ovos mexidos que comi no café da manhã se reviram dentro do meu estômago. A coisa toda me lembra do funeral do meu avô, quando ficamos horas recebendo convidado após convidado, até que minha boca enrugada murchasse como uma flor. Sou a última a cumprimentar a Sra. Arnold, e ela crava suas unhas vermelhas na minha pele.

— Olá, Jill — murmura em meu ouvido. — Feliz primeiro dia de aula.

Forço um sorriso e me afasto do seu abraço apertado e mais demorado do que o necessário. Quando me espremo entre Henry e Nikki, meu coração se acelera. Shaila nos encara de uma moldura dourada, sentada em um cavalete no meio do palco. Seus cabelos dourados caem em ondas e os seus olhos verdes profundos ficaram mais elétricos com a dose de Photoshop. Ela parece a mesma de sempre, eternamente com 15 anos, enquanto o resto de nós adquiriu mais espinhas, ciclos menstruais mais dolorosos e bafo de dragão ainda pior.

O auditório cheira a cópia recém-feita e a lápis afiado. Foi-se o almíscar que se instalara no final do ano letivo da primavera passada. Este lugar foi a única coisa que os Arnolds acertaram em seu memo-

rial. O auditório era o local favorito de Shaila no campus. Ela estrelava todas as peças da classe que podia, emergindo dos ensaios da tarde em uma euforia que eu mal conseguia entender.

— Eu preciso dos holofotes — disse uma vez com sua risada profunda e plena. — Pelo menos, eu admito.

— Bom dia, Gold Coast — diz o diretor Weingarten. Sua gravata-borboleta está ligeiramente torta e seu bigode grisalho, acima do queixo pontudo, parece recém-aparado. — Vejo muitos rostos novos nas nossas fileiras e quero lhes dar as boas-vindas do fundo do meu coração. Venham comigo.

As pessoas se voltam para os novatos, adolescentes que passaram suas vidas em escolas públicas e até hoje pensavam que o primeiro dia de aula significava sala de aula e chamada, não falar sobre uma garota morta. Agora, neste novo e estranho lugar, suas expressões perplexas os traem. Eles são óbvios. Já fui um deles, no sétimo ano. Minha bolsa só chegou uma semana antes do início das aulas, e vim para a Gold Coast Prep sem conhecer uma única alma. A memória quase me dá urticária.

— Bem-vindos — diz o restante do auditório em uníssono. Nossa fileira permanece em silêncio.

— Vocês podem estar se perguntando por que estamos aqui, por que começamos todos os anos neste mesmo espaço. — Weingarten faz uma pausa e enxuga a testa com um lenço de papel. O ar-condicionado zumba ao fundo, mas sua testa ainda brilha de suor sob as fortes luzes do palco. — É porque reservamos um momento para nos lembrarmos de uma das nossas melhores alunas, uma das mais brilhantes, Shaila Arnold.

As cabeças se voltam para o retrato de Shaila, mas o Sr. e a Sra. Arnold mantêm o foco no diretor Weingarten, à frente.

A MESA DOS JOGADORES

— Shaila não está mais conosco — diz ele. — Mas sua presença era radiante, memorável. Ela vive em sua família, em seus amigos e dentro desses corredores.

O Sr. e a Sra. Arnold acenam com a cabeça.

— Estou aqui para lhes dizer que a Gold Coast Prep é, e sempre será, uma família. Devemos sempre nos proteger — diz ele.

“Não vamos permitir que outro aluno da Gold Coast sofra algum tipo de mal. — Nikki me dá uma cutucada nas costelas.

“Então, lembrem-se sempre disso — continua o diretor Weingarten. — Na Gold Coast Prep, nós nos esforçamos para fazer o bem. Nosso objetivo é ser grandes. Nós sempre estendemos a mão uns para os outros.”

Ah, o lema da Gold Coast!

— Junte-se a nós se você é assim — diz ele, sorrindo.

Os 523 alunos da Gold Coast Prep, com idades entre 6 e 18 anos, levantam a voz. Até as crianças menores foram instruídas a memorizar essas palavras estúpidas antes mesmo de colocarem os pés no campus.

— Na Gold Coast Prep, a vida é boa. O tempo que passamos aqui é maravilhoso. Nós sempre estendemos a mão uns para os outros — diz o refrão em uma ladainha entoada de forma assustadora.

— Muito bom — diz o diretor Weingarten. — Agora, vamos para a aula. Este vai ser um ano e tanto!

O clima de luto já tinha passado quando chegou a hora do almoço. Prestar a homenagem a Shaila é um obstáculo que superamos.

Meu estômago se revira quando vejo a mesa dos Jogadores do último ano. Os juniores e os segundanistas já se reuniram, mas a mesa perfeita, aquela reservada para nós, está vazia e nos chamando.

Ela é, de longe, a mais exuberante, disposta bem no meio do refeitório, então todos têm que passar por nós e testemunhar o *deleite* que é ser um de nós, mesmo na hora do almoço. As mesas que nos rodeiam estão reservadas para os outros Jogadores, os subs, e então, a partir deles, a distância que você sente de nós determina tudo.

Meus pés formigam de empolgação enquanto Nikki e eu passamos pelo bufê de saladas, despejando couve-de-folhas massageada, queijo feta marinado e pedaços de frango grelhado em nossos pratos. Quando passamos pela mesa de sobremesas, tiro um pedaço de massa de biscoito crua da tigela de vidro. A bolinha amanteigada na bandeja é há décadas um sinal de ser uma garota descolada. Shaila comeu uma dessa todos os dias que passou aqui. Um bando de calouros nos deixou passá-los no caixa, como deveriam, e seguimos para a mesa que sempre soubemos que seria nossa. Mesmo agora, ainda fico surpresa ao encontrar meu lugar vazio, esperando por mim. Ver aquela cadeira me esperando, aquela que sem dúvida é minha, ainda provoca uma emoção estranha. Mas é um lembrete. Depois de tudo, eu faço parte desse lugar. Eu mereço isso... eu sobrevivi.

Nikki e eu somos as primeiras a chegar e, quando nos sentamos, a sensação familiar de estar em um aquário começa a tomar conta de nós. Sabemos que estamos sendo vigiadas. Isso faz parte da diversão. Nikki joga seu longo cabelo preto por cima do ombro e abre o zíper da mochila, sacando uma caixa de papel neon.

— Vim preparada — diz ela. A tampa se abre, revelando dezenas de mini-Kit Kats nos sabores abóbora, chá-verde e batata-doce. Seus pais devem ter trazido da última viagem de negócios que fizeram ao Japão — sem ela, é claro. Alguns secundanistas ficam de butuca para descobrir que artefato glamoroso Nikki Wu trouxe para a escola.

— Coisas de *Darlene* — diz ela, apontando para os invólucros de cores vivas. Nikki revira os olhos ao pronunciar a segunda sílaba do nome da mãe.

Os pais de Nikki são magnatas do setor têxtil e se mudaram de Hong Kong quando estávamos no sétimo ano. Durante seu primeiro semestre na Gold Coast, ela vivia debruçada no celular, trocando mensagens com os amigos de lá. Ela estava totalmente desinteressada pela nossa realidade de subúrbio. Sua indiferença em relação a nós lhe dava um ar de distante e intocável. Naquela primavera, ela virou a melhor amiga de Shaila, enquanto ensaiavam o musical do ensino fundamental. Shaila conseguiu o papel principal, a Sandy de *Grease*, para surpresa de ninguém, e Nikki se inscrevera para trabalhar com o figurino. Foi quando descobrimos que ela era basicamente um prodígio da moda, desenhando leggings de couro e saias rodadas que pareciam saídas da Broadway.

Quando ficou claro que eu teria que compartilhar Shaila como melhor amiga, passei a controlar o meu ciúme. Eu estava determinada a navegar pelos seus gostos recém-compartilhados (“Bravo, não Netflix”) e me atualizar depois que elas beberam pela primeira vez na festa do elenco (“Cerveja e depois licor, nunca fiquei tão louca!”). Funcionou bem, e, no oitavo ano, estávamos unidas.

Mas, durante o último ano de Shaila, Nikki e eu lutamos silenciosamente pela atenção dela, competindo uma com a outra. No entanto, foi estúpido, porque Shaila não tinha uma favorita. Ela era leal a nós duas. Quando ela morreu, Nikki e eu passamos de rivais a inseparáveis. O laço que nos unia foi rompido, então criamos um novo. Foi como se toda a tensão tivesse se evaporado e tivéssemos sido deixadas uma com a outra e com a necessidade feroz de intimidade. Desde então, Nikki se tornou minha Shaila. E eu me tornei a dela.

— Feijão-vermelho é o meu favorito — diz ela, desembulhando uma barra e colocando-a na boca. Pego a caixa e a rasgo, revelando um rosa brilhante. É doce e deixa minha mão pegajosa.

— Aargh — falo. — Mil vezes morango.

— Só se for com matcha.

— Aff. Esnobe.

— Chama-se provar!

— E chocolate amargo?

Nikki mastiga, refletindo sobre a sugestão.

— Simples. Clássico! Me convenceu.

— Esse é o auge.

— Assim como nós. — Nikki abre seu sorriso esplendoroso, em seguida, pega uma embalagem cor de lavanda. — A vida é muito curta para comer só um.

— A pura realidade.

Atrás de mim, o zumbido do refeitório se torna um rugido. Eu me viro e vejo os meninos caminhando em nossa direção. Calouros e alunos do segundo ano se espalham, abrindo caminho para eles. Robert está alguns passos à frente dos outros, correndo pelo salão. Henry vem logo atrás. Sua mochila está pendurada em um ombro, e seu cabelo louro pesado cai todo arrumado para o lado. Sua gravata está solta em volta do pescoço e ele cumprimenta Topher Gardner com um soco, um jogador júnior atarracado e cheio de espinhas, sedento pela sua atenção. Quentin fica na retaguarda, piscando para algum estudante fofo do segundo ano do time de beisebol enquanto ele passa. A criança muda de cor e fica um tomate. Robert chega em seu assento primeiro e abre um refrigerante, bebendo metade da lata de uma vez.

— Ei, linda — diz Henry, deslizando para o assento do meu lado. Ele pressiona seus lábios bem na minha “saboneteira”. Isso faz um

arrepio percorrer meus braços, e ouço um suspiro na mesa atrás de nós. Um grupo de calouras de olhos arregalados, com saias compridas demais, se apossou dos assentos da primeira fila. Se elas pensam que vão reivindicar aquela mesa o ano todo, estão erradas. Ela também está reservada para nós. Vamos dar aos Jogadores calouros de presente. Elas verão.

Mas, por enquanto, as meninas caem na risada, sussurrando por trás das mãos em concha, seus olhos disparando em nossa direção.

Marla desaba em seu assento e, assim, estamos todos juntos novamente. É espaçoso, pois as mesas são feitas para oito pessoas. Shaila e Graham nos reorganizaram. Mas aprendemos a nos espalhar e a ocupar mais espaço do que precisamos. Isso ajuda. E agora, como todos nós, Jogadores, estamos aqui, o jogo começou.

O clima que nos cerca é frenético, com frações de conversas focadas no final de semana, sempre o final de semana.

— Falaram que Anne Marie Cummings vai bater uma punheta pra você se você disser que gosta daquela banda podre dela.

— Reid Baxter prometeu que nos daria uma ajuda esta noite. Não deixe ele ficar se ele continuar saindo pela tangente.

— Ah, se você não quer a Sharpie em cima de você, não fique tão bêbado da próxima vez!

Os balõezinhos de conversa flutuam sobre nossas cabeças e se dispersam pela sala, pombos-correio, compartilhando as notícias mais importantes com o resto da escola. Alguns dias, nós nos aproximamos tanto que parece que nossas cabeças vão fundir. Mas em outros nos enrolamos dentro de nós mesmos, formando parcerias e alianças. *Quem está do meu lado? Amigo ou inimigo?*

— Aaaaiinn. — Nikki tenta abrir a lata de soda com uma faca.

Robert resmunga, mas sorri na direção dela. Se é uma boa semana, eles passam o almoço cochichando indecências um para o outro sobre suas bandejas. Se é uma semana ruim, ela finge que ele não existe.

— Ah, que bosta! — Nikki põe a língua para fora e pressiona os braços contra o corpo, fazendo seu peito se erguer e seus seios ficarem bem embaixo do queixo. Robert se inclina para trás e levanta as sobancelhas, impressionado. Esta semana promete.

— Tudo bem, Srta. Wu — diz Quentin. — Desembucha.

Nikki se inclina e abaixa a voz, então temos que esticar o pescoço para ouvi-la, embora nada do que ela diga seja novo. Ela vai dar uma festa hoje à noite. (Não brinca!) Seus pais foram para Paris no final de semana. (Será que é uma boa?!...) Ela já providenciou um barril de cerveja. (Ninguém está surpreso.)

Henry se vira para mim e passa a mão na minha coxa, por baixo da mesa. Seu polegar desenha pequenos círculos na minha pele.

— Pego você às 20h30 — diz ele.

Forço o melhor sorriso que consigo e tento ignorar o calor no meio das minhas pernas. A pele dele brilha como o verão, e juro que ainda vejo o bronzeado que seus óculos de sol deixaram na ponta do seu nariz daquele dia em que oficializamos. Foi uma das tardes mais quentes do verão, sufocante em terra, mas fria no barco de seus pais, no meio do estreito. Nosso grupo de mensagens estava inativo. Todos os outros já estavam de férias antes do início de seus programas de elite de verão. Eu ainda não tinha começado meu trabalho como conselheira no planetário local. Só havia nós dois.

Você gosta de estrelas, certo?, Henry mandou essa mensagem do nada.

Todo mundo sabe que sou obcecada por astronomia. Bem, por astronomia e por astrofísica, para ser exata. Essa é a *minha* há muito tempo. Fiquei obcecada por tudo lá em cima quando tinha 5 anos, e pa-

pai começou a me levar para o Hotel-mansão de Ocean Cliff depois de toda tempestade, quando o céu ficava mais claro, para apontar constelações, galáxias, planetas e estrelas. Era o ponto mais alto da Gold Coast, uma enorme formação rochosa que se estendia sobre a água. “É assim que entendemos o caos”, dizia papai, nós dois sentados nas rochas. Ele diz que sempre quis ser astronauta, mas virou contador por algum motivo que nem ele nunca entendeu bem. Quando chegamos em casa naquela primeira noite, ele prendeu um monte de estrelas radiantes em espiral no teto do meu quarto.

Conseguir detectar *aquelas coisas* lá em cima, pequenos milagres que sempre existiram, me enche de paz. Isso faz com que os pesadelos desapareçam, torna a escuridão mais fácil de lidar. Bem, às vezes.

O que você acha?!, respondi a Henry.

Passeio de barco ao pôr do sol?

Esperei um pouco antes de responder a essa. Henry não se conteve.

Tenho um telescópio, que podemos usar.

Henry estava andando atrás de mim assim desde o fim das aulas, indo à minha casa, oferecendo carona para as festas, mandando notícias bizarras que ele achava que me fariam rir. Eu estava cansada de declinar, cansada de esperar conhecer algum outro cara. Então pensei *Ah, que seja*, e cedi.

Topo. Mas já tenho o material. Não precisa levar nada.

O Celestron portátil que papai me deu no Hanukkah do ano passado ficava bem destacado na minha mesa de cabeceira.

Algumas horas depois, estávamos na metade do caminho para a costa de Connecticut, a bordo de sua pequena lancha runabout, *Olly Golucky*, nomeada em homenagem ao seu golden retriever de 12 anos. O sol havia se posto, e o calor estava finalmente começando a diminuir. Uma brisa soprou, e as primeiras estrelinhas começaram a surgir

através das nuvens. Respirei a maresia e me deitei no convés úmido. As ondas se quebravam à nossa volta, enquanto Henry me contava histórias surpreendentemente engraçadas sobre sua primeira semana como estagiário de verão na CNN. Seu rosto ficou vermelho ao falar sobre ver seus ídolos nos corredores. Foi bem fofo. Então ele pegou uma garrafa de rosé e uma lata de caviar russo que encontrou na pequena geladeira escondida. Ele os apresentou a mim, seus olhos arregalados e esperançosos, com a pergunta:

— É... você quer fazer isso? Nós dois?

A resposta era óbvia. Ele era o capitão da equipe de lacrosse e âncora do canal de notícias da escola. Mais eloquente do que a maioria dos nossos professores. Mais doce quando está embriagado, naquele momento terrível em que a maioria dos outros caras se tornavam monstros. Só agravava o meu lado ele também ter aquela beleza-padrão de modelo Nantucket J. Crew. Cabelo loiro espesso. Olhos verdes. Pele irretocável. Ele estava destinado à grandeza. Era um Jogador. Estar com ele fazia tudo parecer fácil.

Além disso, a pessoa com quem eu realmente queria estar, o cara que inadvertidamente me trouxe exatamente a este lugar, estava a centenas de quilômetros. Foi uma burrada. Henry estava aqui e disposto. Adam Miller, não.

— Claro — respondi. Henry largou a garrafa e envolveu minha cintura com as mãos pegajosas. Ovas de peixe agarraram-se às minhas costas nuas. Ele nem imaginava que enquanto sua língua estava dentro da minha boca tudo o que eu queria era que Adam me visse, só para ver bem o que perdeu.

O sinal toca, e Robert chuta Henry por baixo da mesa.

— Vamos lá, cara. Temos espanhol.

— Inglês — digo, virando-me para Nikki. Ela joga a cabeça para trás em desespero, mas enlaça seu braço no meu e me puxa para fora das portas duplas e para o pátio. O sol muda enquanto caminhamos, e, se eu apertar os olhos, vejo além do estacionamento dos funcionários, a parte detrás do teatro, e todo o caminho até as barracas de ostras que puxam as cortinas de lona e empacotam as caixas, fechando a loja por hoje.

Nikki e eu atravessamos o campus assim que o sinal toca, e nos jogamos em nossas mesas, uma ao lado da outra. Pego meu *O Grande Gatsby*, um clássico; o Sr. Beaumont prometeu colocar na nossa lista de leitura das férias.

— Oi, meninas — diz o Sr. Beaumont, enquanto passa por nossas mesas. — Aproveitaram as férias?

Nikki inclina a cabeça e ergue os olhos maliciosamente. — Até demais.

— Excelente. — O Sr. Beaumont sorri e empurra os óculos de aro grosso mais para cima no nariz. Ele parece mais bronzeado do que no ano passado, como se tivesse passado as férias todas nadando no Hamptons, como se ele fosse uma versão adulta de um de nós, o que, eu acho, de certa forma, ele é.

Ele veio para a Gold Coast três anos atrás, começando logo após o Dia de Ação de Graças, quando a Sra. Mullen saiu de licença-maternidade. Ele tinha Nikki, Shaila e eu como novatas em inglês, assim que descobrimos sobre os Jogadores. No primeiro dia de aula, ele nos conquistou com um desafio.

— Não mexa comigo, que não mexo com você — disse ele com um sorriso. Uma provocação. Para começar *assim*, ele deve ser legal. Ele sabe das coisas. Meu telefone vibrou com uma mensagem de Shaila